



3. A indiana e o gelo

Dhara Gupta morou a vida inteira em um vilarejo perto de Jaisalmer, no deserto do Rajastão. Um dia, em 1822, quando preparava o jantar, ela percebeu uma confusão. Ela foi ver o que estava acontecendo e descobriu que seu primo, Mahavir, tinha voltado de uma viagem iniciada dois anos antes. Ele parecia estar com boa saúde, e no jantar ele contou a todos suas aventuras.

Contou histórias de roubos, animais selvagens, montanhas enormes e outras coisas incríveis que viu e aventuras que viveu. Mas o que realmente surpreendeu e deixou Dhara pasma foi sua afirmação de ter visto algo chamado “gelo”.

– Eu fui a regiões onde fazia tanto frio que a água parava de correr e formava um bloco sólido e translúcido – disse Mahavir. – O mais impressionante é que não há um estado intermediário no qual o líquido fica mais grosso. A água que corre livre é apenas levemente mais quente que aquela que se solidificou.

Dhara não queria duvidar de seu primo em público, mas ela não acreditou nele. O que ele disse contradizia toda a sua experiência. Ela não acreditava quando viajantes contavam sobre dragões que cospem fogo. Também não ia acreditar nesse absurdo de gelo. Ela achava, com razão, ser inteligente demais para isso.

Fonte: Capítulo X “On Miracles” de *An Essay Concerning Human Understanding*, de David Hume (1748)



8. Bom Deus

E o Senhor disse para o filósofo:

– Eu sou o Senhor teu Deus, e sou a fonte de todo o bem. Por que a filosofia moral secular me ignora?

E o filósofo disse para o Senhor:

– Para responder preciso, primeiro, Lhe fazer algumas perguntas. O Senhor nos manda fazer o que é bom. Mas é bom porque o Senhor ordena, ou o Senhor ordena porque é bom?

– Er... – disse o Senhor. – É bom porque eu ordeno.

– Resposta errada, sem dúvida, ó Todo-poderoso! Se o bem é bem apenas porque o Senhor diz que é, então o Senhor poderia, se desejasse, fazer com que torturar crianças fosse bom. Mas isso seria absurdo, não seria?

– Claro! – respondeu o Senhor. – Eu o testei, e você me agradeu. Qual era mesmo a outra opção?

– O Senhor escolheu o que é bom porque é bom. Mas isso mostra com bastante clareza que a bondade não depende do Senhor em nada. Então não precisamos estudar Deus para estudar o bem.

– Mesmo assim – disse o Senhor –, você tem de admitir que escrevi alguns bons livros sobre o assunto...

Fonte: *Eutifron*, de Platão (380 a.C.)

9. *Big Brother* radical

Na edição número 73 do programa *Big Brother*, os produtores introduziram um novo brinquedinho do mal: Pierre. O consultor de psicologia do programa explicou como aquilo iria funcionar.

– Como vocês sabem, o cérebro é o motor do pensamento e da ação, e o cérebro é totalmente físico. Nossa compreensão das leis da física é tamanha que agora podemos prever com precisão como o cérebro das pessoas vai reagir – e, em consequência, como as pessoas vão pensar – em resposta aos acontecimentos em seus ambientes.

“Ao entrar na estação espacial do *Big Brother*, um escâner da mente vai mapear os estados cerebrais de todos os participantes. Nosso supercomputador, Pierre, monitora os vários estímulos aos quais os participantes são expostos e então é capaz de prever qual será seu comportamento futuro.

“Claro, isso tudo é tão diabolicamente complicado que há limites estritos. É por isso que a tecnologia funciona melhor em um ambiente controlado e fechado como o da estação espacial do *Big Brother*, e também porque as previsões só podem ser feitas alguns momentos à frente, já que erros mínimos de previsão logo se acumulam e se transformam em erros maiores. Mas os telespectadores vão se divertir em ver o computador prever como os competidores estão prestes a reagir. De certa forma, vamos conhecer suas mentes melhor do que eles mesmos.”

Fonte: A tese determinista do matemático francês Pierre-Simon Laplace (1749-1827)

12. Picasso na praia

Do alto do penhasco, Roy olhou para baixo, para o homem que desenhava na areia. A figura que começou a surgir o impressionou. Era um rosto extraordinário, não retratado de forma realista, mas de maneira que parecia visto de vários ângulos ao mesmo tempo. Na verdade, parecia muito um Picasso.

Assim que essa idéia passou por sua cabeça, seu coração parou. Ele levou o binóculo aos olhos, que então teve necessidade de esfregar. O homem na praia era Picasso.

O pulso de Roy se acelerou. Ele passava por aquele caminho todo dia, e sabia que logo a maré ia subir e lavar um Picasso original autêntico. Ele tinha de fazer algo para salvá-lo. Mas como?

Tentar deter o mar era inútil. Também não havia como fazer um molde da areia, mesmo que ele tivesse tempo para isso, coisa que ele não tinha. Talvez conseguisse correr até em casa para buscar sua câmera. Mas isso, no máximo, preservaria um registro da obra, não o próprio quadro. E se ele tentasse fazer isso, quando voltasse a imagem provavelmente já teria sido apagada pelo oceano. Talvez, então, ele devesse apenas desfrutar aquela imagem particular enquanto ela durasse. Ele ficou ali olhando, sem saber se ria ou chorava.

Fonte: "In season of calm weather", de Ray Bradbury, reimpresso em *A Medicine for Melancholy* (Avon Books, 1981)

28. O cenário do pesadelo

Lucy estava tendo um pesadelo horróroso. Estava sonhando que monstros parecidos com lobos tinham entrado pela janela de seu quarto enquanto ela dormia e começaram a despedaçá-la. Ela lutou e gritou, mas podia sentir suas garras e dentes rasgando-a.

Então ela acordou, suando e ofegante. Olhou em torno do quarto, para ter certeza, e soltou um suspiro de alívio por tudo, na verdade, não ter passado de um sonho.

Então, com um barulho terrível, monstros entraram pela janela e começaram a atacá-la, exatamente como no sonho. O terror foi ampliado pela lembrança do pesadelo que ela tinha acabado de suportar. Seus gritos misturaram-se com soluços quando ela percebeu a impotência de sua situação.

Então ela acordou, suando ainda mais, ainda mais ofegante. Isso era absurdo. Ela tivera um sonho dentro de um sonho, então da primeira vez que ela aparentemente acordara, na verdade ainda estava no sonho. Ela olhou ao redor do quarto outra vez. As janelas estavam intactas. Não havia monstros. Mas como ela podia ter certeza de que, dessa vez, ela estava realmente acordada? Ela esperou, aterrorizada, que o tempo respondesse.

Fontes: A primeira meditação de *Meditações*, de René Descartes (1641); *Um lobisomem americano em Londres*, dirigido por John Landis (1981)

45. O jardineiro invisível



Stanley e Livingstone estavam há duas semanas observando aquela bela clareira, da segurança de seu esconderijo temporário.

– Não vimos uma pessoa sequer – disse Stanley. – E a clareira não se deteriorou nem um pouco. Agora você vai ter de admitir que estava errado: nenhum jardineiro cuida deste lugar.

– Meu caro Stanley – respondeu Livingstone. – Lembre-se de que eu admiti que poderia ser um jardineiro invisível.

– Mas esse jardineiro não fez o menor barulho, nem mexeu em uma única folha. Por isso insisto em que não há jardineiro.

– Meu jardineiro invisível – continuou Livingstone – também é silencioso e intangível.

Stanley estava desesperado.

– Droga! Qual a diferença entre um jardineiro silencioso, invisível e intangível e nenhum jardineiro?

– Fácil – respondeu o sereno Livingstone. – Um cuida de jardins. O outro, não.

– Dr. Livingstone, eu presumo – disse Stanley com um suspiro – então que não fará objeção se eu o despachar imediatamente para um paraíso silencioso, sem cheiro, invisível e intangível. – Pelo aspecto assassino dos olhos de Stanley, aquilo não era apenas uma brincadeira.

Fonte: "Theology and Falsification", de Anthony Flew, republicado em *New Essays in Philosophical Theology*, organizado por A. Flew e A. MacIntyre (SCM Press, 1955)

65. O poder do espírito

Faith sempre acreditou em reencarnação. Mas recentemente seu interesse por suas vidas passadas tinha alcançado um novo nível. Agora que estava visitando a médium mística, pela primeira vez teve informação sobre como realmente foram suas vidas passadas.

A maior parte do que Marjorie contou a ela foi sobre sua encarnação anterior como Zosime, uma mulher nobre que viveu na época do cerco de Tróia. Ela soube de sua fuga audaciosa primeiro para Smyrna e depois para Cnosso. Era, aparentemente, bela e corajosa, e se apaixonou por um comandante espartano, com quem viveu em Cnosso pelo resto de sua vida.

Faith não conferiu a verdadeira história de Tróia para verificar a história de Marjorie. Não duvidou de que a sua era a mesma alma que vivera em Zosime. Entretanto, havia algo que a preocupava e incomodava em relação ao que aquilo significava. Por mais que gostasse da idéia de ser uma beleza grega, como não se lembrava de nada de sua vida em Cnosso ou tinha qualquer sensação de ser a mesma pessoa sobre a qual Marjorie lhe contara, não podia ver como ela e Zosime podiam ser a mesma pessoa. Ela havia descoberto sobre sua vida passada, mas aquilo não parecia ser a sua vida.

Fonte: Livro dois, capítulo XXVII de *An Essay Concerning Human Understanding*, de John Locke (5. ed., 1706)

78. Aposta em Deus

E o Senhor disse para o filósofo:

– Sou o Senhor teu Deus, e apesar de não teres qualquer prova de que sou quem digo ser, dar-te-ei uma razão para crer que irá interessar a teu estado decaído: uma aposta com base no interesse pessoal.

“Há duas possibilidades: eu existo, ou não existo. Se acreditares em mim, seguires meus mandamentos, e eu existir, ganhas a vida eterna. Entretanto, se eu não existir, ganhas uma vida mortal, com alguns dos confortos da crença. Claro, terás perdido algum tempo na igreja e perdido alguns prazeres, mas isso não importará quando estiveres morto. Mas se eu existir, a felicidade eterna será tua.

“Se não acreditas em mim e eu não existir, terá uma vida fácil e livre, mas terminarás morto da mesma forma e não viverás com a segurança na crença no divino. Entretanto, se eu existir, terás uma eternidade de sofrimentos e tormentos.

“Por isso, aposte que não existo e o melhor resultado é uma vida curta. O pior, a condenação eterna. Mas aposte que existo, por mais improvável que possa parecer, e o pior é uma vida curta, mas o melhor é uma vida eterna. E serias louco em não fazê-lo.”

Fonte: *Pensées*, de Blaise Pascal (1660)

86. Arte pela arte

Marion estava acostumada ao inconveniente de descobrir restos arqueológicos em projetos de construção. Mas nada a havia preparado para isso.

No dia em que encontraram aquele poço, ela recebeu uma mensagem que explicava o que havia em seu interior. Lá no fundo, repousava uma caixa selada que continha uma estátua de Michelangelo. A caixa possuía várias armadilhas diferentes escondidas: abri-la detonaria uma bomba; ela também continha um gás que, se exposto ao oxigênio, explodiria; além de outros mecanismos engenhosos. No fim das contas, o fato é que a obra de arte jamais poderia ser revelada, pois qualquer tentativa de fazê-lo, ou de mover a caixa, iria destruí-la.

Mas uma bomba relógio perigosa como essa não podia ser deixada embaixo do que iria se tornar um hospital. Então parecia haver apenas duas soluções: abandonar o hospital e deixar a obra de arte em segurança, mas longe dos olhos, ou destruí-la com segurança.

Naquelas circunstâncias, não parecia haver muita escolha para Marion além de ordenar que o esquadrão antibomba provocasse uma explosão controlada. Mas ela não conseguia deixar de pensar que seria melhor para a estátua permanecer intacta, mesmo se ninguém pudesse vê-la.